

Alfabetização pós-isolamento social: um processo de interação e construção de conhecimento

Post-social isolation literacy: a process of interaction and knowledge construction

Cibele A. Copetti Bottega

Especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas FACVEST – Lages SC. Graduada em Ciências – Habilitação: Matemática no Ensino Fundamental e Médio – UNIJUI – Ijuí-RS. Habilitação Profissional Plena de Magistério a nível de Ensino de 2º Grau – Colégio Sagrado Coração de Jesus – Ijuí- RS.

Lauren Slongo Braida

Mestre em Educação nas Ciências pela Unijui (2020), Psicopedagoga Clínica e Institucional pela Universidade Tuiuti do Paraná- UTP (2015) e Pedagoga pela Universidade Castelo Branco – UCB (2012). Atualmente Professora de Ensino Básico da Rede Municipal de Ensino de Ijuí- RS e Psicopedagoga Clínica no Centro de Psicologia Espaço PSI.

DOI: 10.47573/aya.5379.2.79.18

RESUMO

Este estudo apresenta um breve Estudo Bibliográfico de cunho qualitativo, a partir de uma reflexão acerca do processo de alfabetizar no pós-isolamento social. Para tal, considera-se que a alfabetização compõe processos que vão além do ensinar a ler e escrever. Uma criança em tempo de alfabetização precisa exercitar e exercer várias habilidades, inclusive motoras. Para que esse processo de aprendizagem aconteça de forma prazerosa, é sadio que haja motivação e se respeite etapas do desenvolvimento que são primordiais para o “todo”, pois assim teremos uma criança que, com o seu amadurecimento cognitivo, aprenderá a pensar. No entanto, no pós-isolamento social, é necessário compreender que se mantém o propósito que o desenvolvimento infantil aconteça a partir de estímulos, reflexões, ambientações, possibilidades interativas e pesquisas. Com isso, a criança tem a possibilidade de se tornar protagonista de seu desenvolvimento. Sendo assim, fica evidente que muitos desses pontos ficaram comprometidos a partir do momento em que as crianças precisaram afastar-se da escola. A interação, tão necessária entre os pares, talvez protagonize a questão primordial do comprometimento cognitivo das crianças. A cognição e a apropriação dos saberes se constituem nas relações comunicativas, e sua apropriação implica na interação com outros sujeitos que já dominam esses saberes e instrumentos. Então, a educação e o ensino se fortalecem como formas universais e importantes para o desenvolvimento mental, nos quais os processos de aprendizagem interligam os fatores socioculturais e as condições internas dos indivíduos.

Palavras-chave: aprendizagem. ensino. socialização. criança e educação.

ABSTRACT

This study presents a brief Bibliographic Study of a qualitative nature, based on a reflection on the literacy process in post-social isolation. For such, it is considered that literacy comprises processes that go beyond teach reading and writing. A child in literacy time needs to practice and exercise various skills, including motor skills. For this learning process happens in a pleasant way, it is healthy to have motivation and to respect development stages that are essential for the "whole", because we will have a child who, with his cognitive maturation, will learn to think. However, in post-social isolation, it is necessary to understand that the purpose of child development is maintained through stimuli, reflections, settings, interactive possibilities and research. Therefore, the child has the possibility to become the protagonist of its development. Consequently, it is evident that many of these points were compromised from the moment children had to leave school. Interaction, so necessary between peers, may be the main issue of children's cognitive impairment. Cognition and appropriation of knowledge are constituted in communicative relationships, and their appropriation implies interaction with other subjects who already master this knowledge and instruments. Then, education and teaching are strengthened as universal and important ways for mental development, in which learning processes interconnect sociocultural factors and internal conditions of individuals.

Keywords: learning. teaching. socialization. child and education.

ALFABETIZAÇÃO: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

A criança que se encontra em idade escolar adequada ao processo de alfabetização deve ser levada a pensar e raciocinar sobre as suas hipóteses leitoras e sua escrita, afim de

proporcionar a interação de diferentes níveis, permitindo que a comunicação seja um instrumento primordial da didática da aprendizagem da alfabetização. Além disso é de suma importância oportunizar, diariamente, estímulos que favoreçam o seu desenvolvimento cognitivo, voltado ao processo de leitura e escrita. Para tanto, são analisadas as habilidades pré-acadêmicas, que podemos conceituar como pré-requisitos para o desenvolvimento de habilidades específicas. As habilidades pré-acadêmicas à alfabetização são desenvolvidas ainda na educação infantil. Nesse período pré-escolar é possível preparar o caminho para a alfabetização, pois ali a criança começa a desenvolver algumas habilidades por meio de brincadeiras lúdicas.

Dentro de um cenário mundial de pandemia, crianças matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental em 2021, não vivenciaram a etapa final da Educação Infantil. É necessário afirmar que algumas crianças não tiveram acesso virtual a escola e outras tiveram acesso a uma prática educativa remota. Sendo assim, o trabalho desenvolvido no retorno pós-isolamento precisou ser pautado no acolhimento, na interação, na escuta sensível e no respeito ao nível de desenvolvimento que a criança apresentava.

O professor, visto como mediador, orientador do processo de alfabetização, deve conscientizar-se de que a criança aprende melhor e assimila com maior facilidade aquilo que lhe interessa mais diretamente. Repetir regras, métodos e metodologias que não podem ser compreendidas, não auxilia o estudante e não diz nada nem a ele nem a nós, educadores. Nesse sentido, o fazer pedagógico entre a criança e a escola, vai muito além de utilizar meios e metodologias de ensino, esse fazer inicia-se entre o vínculo que a criança estabelece com o professor, pois no momento em que ela começa o processo de escolarização, o docente é visto como alguém que faz parte da vida daquele sujeito, e esse processo de interação é fundamental para que o ensino e aprendizagem aconteça de forma prazerosa e significativa.

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação; pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades (SOUZA, pág 10 1970).

Alfabetizar não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, a criança deve construir um conhecimento de natureza conceitual. É necessário não só saber o que é a escrita, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. A alfabetização não pode ser compreendida como apenas a “aquisição de uma técnica”. A ideia é pensar na alfabetização como um processo de aquisição a partir de situações nas quais as crianças participam de forma ativa e estão imersas na cultura escrita.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Mas para chegarmos nesse processo, num retorno pós-isolamento foi necessário calma, cautela, muita interação, escuta e acolhimento. A escola, antes um lugar de movimento, barulho, parecia estar muda. Os protocolos nos afastavam, embora precisássemos de vínculos e de afeto. Nesse contexto é necessário enfatizar a formação do professor e o preparo para poder, de forma incisiva proporcionar aos estudantes uma interação saudável.

O professor se encontra na função de intermediador dos processos de significação, como sujeito participativo imbuído de responsabilidade e afetividade, implicadas na história pessoal do estudante. Sendo assim, Marques (2000) contribui no entendimento do papel do professor e de sua formação, destacando que:

[...] o papel do professor, ante a ameaça de reduzir-se ao puramente instrumental e ante o desafio de articularem-se a competência profissional e o compromisso político, numa concepção de magistério como profissão em sua unidade não fragmentada internamente pela especialização segmentada das tarefas. Denuncia-se a falta de articulação entre teoria e prática, entre conteúdo e método, entre bacharelado e licenciatura, entre as unidades da educação e as demais unidades universitárias, entre o sistema de formação do educador e o sistema que o irá absorver (MARQUES, 2000, p. 34)

A educação humanizadora, a personalização do ensino foram características fundamentais para o retorno presencial. As crianças precisaram aproximar-se dos professores, criar vínculos e aprender inicialmente habilidades como: cantar músicas e parlendas com os colegas, recriar e recontar histórias, realizar brincadeiras que trouxessem, de forma segura e seguindo os protocolos de segurança, interação entre os pares, bem como contato com a escrita de forma natural.

Segundo Ferreira (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”. Com isso, fica implícito a necessidade do protagonismo e da atuação direta da criança em relação ao seu processo de alfabetização. A autora enfatiza, ainda, que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. A autora defende que, de todos os grupos populacionais as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem, enquanto que os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar, ressalta ainda que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreira, 1999, p.23)

Conforme a citação anterior, é possível nos remetermos a diversidade que encontramos na sala de aula e o que de fato, ficou extremamente notável, no pós-isolamento. Pois houveram crianças mais estimuladas em casa, enquanto outras não receberam estimulação nenhuma. De acordo com isso a metodologia normalmente utilizada pelos professores deve partir daquilo que é mais simples, passando para os mais complexos.

Alfabetizar, como dito anteriormente é um processo, que vai além do saber ler e escrever. E para que esse processo aconteça, a sala de aula precisa ser um ambiente alfabetizador, com livros, jornais, histórias, materiais diversos que ajudam os alunos a desenvolver essas habilidades. É fundamental um ambiente lúdico e materiais que instiguem as crianças a ler e escrever, dando a elas a possibilidade de perceber o uso da leitura e da escrita no contexto social. A partir da utilização de diferentes recursos, as crianças percebem que as representações estão por todos os lados e que precisam se apropriar e entender como se dá a comunicação.

Mediante isto, o ambiente escolar deve proporcionar, para além das propostas diárias de atividades, momentos de interação voltados ao diálogo, contações de histórias, produções de

escritas espontâneas, visitas a bibliotecas, materiais alternativos de leitura (fichas com palavras, frases, pequenos textos), músicas e registros gráficos.

O aprendizado das letras, o reconhecimento dos sons - a alfabetização, está diretamente ligada ao conhecimento do mundo, sua descoberta a partir da leitura. A literatura infantil tem sua bela contribuição nesse processo pois proporciona a criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. O hábito da leitura oportunizará uma formação global. Sendo assim, podemos afirmar que as crianças aprendem a ler e escrever pelas experiências que proporcionamos a elas, e desenvolvem as habilidades inseridas na cultura e na interação social. Com isso, a escrita e leitura avançam para além da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o processo de alfabetização sempre é um desafio, pois é através dele que a criança passa a perceber o mundo através das suas possibilidades de leitura. Trata-se de um processo que envolve fatores para além da decodificação e isso exige atenção, fluidez, empatia e um olhar específico do educador.

Ser professor alfabetizador é ter a oportunidade de acompanhar as descobertas das crianças, as hipóteses que elas constroem sobre a representação da escrita, as primeiras leituras e todo o caminho que elas percorrem rumo à compreensão da base alfabética. É de suma importância que o educador compreenda também que os desafios são grandes e que acolher, instigar, estimular e interagir são requisitos fundamentais ao processo.

A alfabetização desenvolve também a capacidade de socialização do indivíduo, uma vez que possibilita novas trocas simbólicas com a sociedade, além de possibilitar o acesso a bens culturais e outras facilidades das instituições sociais. Aqui identificamos a importância da socialização, algo que precisou ser entendido e trabalhado com calma no retorno pós-isolamento social, pois muitas crianças ficaram por um longo período afastadas do meio social e da escola, entendida aqui também como meio social de suma importância.

Para além de alfabetizar foi necessário reconstruir as conexões sociais e para isso não existem métodos e receitas prontas. Foi necessário que o professor pudesse entender e reconhecer seu grupo, diagnosticar as maiores dificuldades e iniciar a partir daquilo que as crianças sabiam e dominavam para aos poucos ir aprofundando e propiciando um desenvolvimento cognitivo.

Contudo isso, a fala de Emília Ferreiro nos traz algo que deve ser sempre priorizado no processo de alfabetização e que professores, educadores, pesquisadores devem sempre lembrar enquanto formadores de sujeitos críticos: (...)“Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.” Emília Ferreiro. Alfabetizar trata-se desde o princípio de um processo que para além do aprender exige o pensar, criar, imaginar, decifrar, interagir, associar e comunicar. Objetiva proporcionar práticas e vivências que possibilitem a ampliação de conceitos e hipóteses e que sejam coerentes com as políticas educacionais que validam a criança como protagonista do seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

MARQUES. Mário Osório. Formação do Profissional da Educação. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

SOUZA, Iracy Sá de. Psicologia: a aprendizagem e seus problemas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpyo, 1970.

VIGOTSKI, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.